

Livros paradidáticos de língua portuguesa: a nova fórmula do velho

Norma Sandra de Almeida Ferreira e Elizabete Amorim de Almeida Melo***

Resumo: Tomar os paradidáticos que tematizam determinado conteúdo curricular ligado à Gramática, como possíveis de serem estudados como objeto, no campo dos estudos que tratam do impresso escolar e que ainda não foram tema de investigação de outras pesquisas acadêmicas, é o desafio deste artigo. Analisar, em particular, os livros aproximados pela temática (conteúdo curricular) e pelas práticas de leitura que suscitam (uso escolar) da *Coleção Currupaco*, editora Scipione, significa acerrar-se de questões, como: que fórmula editorial é esta denominada paradidático de Língua Portuguesa? O que ela traz de novo em sua configuração quanto à materialidade, linguagem e temática? Quais são os objetivos e princípios, declarados ou não explicitamente em seu projeto editorial, e como eles se concretizam na maneira de abordar os conteúdos e os exercícios propostos nesta fórmula? Quais estratégias editoriais, tanto textuais quanto tipográficas, são criadas para conquistar o leitor infantil e escolar?

Palavras-chave: Paradidáticos; língua portuguesa; leitura

Abstract: The challenge of this article is to take the paradidactic school books, which divide certain academic grammatical contents into themes as possible of being studied as objects in the field of studies which deal with school print-outs and still haven't been an investigation theme of other academic studies. Analyzing, especially, books from "Coleção Currupaco", Scipione editors, which are grouped according to their topics (in curricular content) and to the reading practices they bring about (in school use), means to approach questions such as: which publishing formula is this so-called paradidactic of the Portuguese Language? Which new features does it have in its configuration regarding material quality, language, and thematics? What are its objectives and principles, either explicitly declared or not, in its publishing project, and how do they materialize in the way of approaching contents and exercises proposed in this formula? Which publishing strategies, both textual and typographical, are created to captivate the young school reader?

Key words: Paradidactic books; Portuguese language; reading.

* Professora da Faculdade de Educação e pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Alfabetização, Leitura e Escrita" – ALLE – Unicamp. normasandra@directnet.com.br

** Mestre em Educação – Faculdade de Educação e pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Alfabetização, Leitura e Escrita" – ALLE – Unicamp.

Nos últimos trinta anos temos assistido a um significativo crescimento da produção cultural impressa para a criança e para o jovem, destinada à escola. No interior desta produção encontram-se os paradidáticos, termo recente como critério de classificação de obras nos catálogos das editoras do país e no âmbito das pesquisas acadêmicas. Segundo Munakata (1997), paradidático é uma expressão tipicamente brasileira, embora em outros países encontremos livros com características e usos semelhantes, que motivaram a publicação desses no Brasil, na década de 80.

No entanto, na história do livro escolar no Brasil, este tipo de produção com o objetivo de ensinar conteúdos curriculares para crianças não é novo. *Através do Brasil* de Olavo Bilac e Manuel Bonfim (1910), *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921) e *Emília no país da Gramática* (1934) de Monteiro Lobato, entre outros, podem ser considerados precursores dos chamados livros paradidáticos.

A editora Ática é pioneira na produção de tais livros, lançando no mercado a *Série Bom Livro*, na década de 70 (DALCIN, 2002) e nos anos 80, a *Coleção Para Gostar de Ler* (MUNAKATA, 1997), ambas destinadas à Língua Portuguesa. Neste caso, os paradidáticos foram as primeiras coleções destinadas a auxiliar o ensino de Língua Portuguesa, com obras literárias, muitas vezes acompanhadas de um suplemento de atividades para o aluno e de outro especialmente organizado para o professor, com todas as respostas prontas, além de orientação metodológica e didática. A intenção da editora, neste momento, foi tentar facilitar o acesso dos jovens à leitura, através de obras e autores diversos, e não a um conteúdo/tema específico da disciplina.

Para as demais áreas e disciplinas do currículo escolar, como História, Geografia, Ciências e Matemática, no entanto, o termo “paradidático” foi lançado no mercado na década de 80, com outras características: formatação diferente do livro didático e parecido com o de literatura infanto-juvenil, poucas páginas, bem coloridas e ilustradas e uma aparência gráfica bem cuidada (qualidade do papel, legibilidade do texto, diagramação). Abordando geralmente um tema por livro, os conteúdos eram apresentados em forma de narrativas em que, geralmente, a preocupação pedagógica se sobressaía às intenções estéticas ou literárias.

Quando folheamos a quantidade e diversidade desta produção apresentada e oferecida nos catálogos impressos das editoras, podemos constatar que, na década de 90, o termo já estava consolidado. Nos catálogos impressos de algumas editoras de São Paulo (Ática, Melhoramentos, Moderna, FTD e Scipione, por exemplo), é possível observar que, atualmente, são considerados paradidáticos de Língua Portuguesa uma grande diversidade de obras, como: livros de literatura infanto-juvenil; clássicos nacionais e universais (adaptados ou não), acompanhados de fichas de leitura ou de suplementos de atividades, e/ou qualquer livro considerado de leitura extraclasse; e ainda, livros que abordam um conteúdo gramatical específico, em uma fórmula muito parecida com os demais de outras áreas

curriculares. É nesta configuração que os paradidáticos de Língua Portuguesa são hoje assim denominados pelas editoras, tanto pelo seu *uso* (como apoio didático), como pela abordagem de um *conteúdo curricular*.

No entanto, em consulta a diversas editoras, constatamos que apenas duas delas, FTD e Scipione, apresentam livros e/ou coleções que trazem como objetivo explícito o interesse em focar um determinado conteúdo ligado à disciplina Língua Portuguesa. O catálogo impresso da FTD¹ oferece um total de cento e vinte um (121) livros para o 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, correspondendo quase a 50% do total de livros oferecidos. Destes, apenas dez (10) são identificados como paradidáticos de Língua Portuguesa que trabalham algum conteúdo gramatical específico, sendo organizados em três coleções: *Assim ou Assado*, *Coleção Ioiô* e *Coleção Ler e Aprender Turma da Mônica*. Os livros exploram dificuldades ortográficas, como ch; x; ç; ce, ci; ge, gi; ss; je, ji; trabalham a fixação da *escrita das palavras de sílabas simples, frases curtas e em ordem direta*; ou ainda, enfocam as letras do alfabeto.

Já o catálogo denominado *Paradidáticos Infantis Scipione* (2001), da editora Scipione, oferece 50,25% de livros de literatura infantil; 33,% de apoio didático; 12,75% de lúdico e 3% identificados como ensino religioso. Esta organização parece revelar que a denominação paradidáticos comporta, na visão da editora, uma diversidade de tipos de livros que estão intimamente ligados ao *uso*. Se olharmos apenas para a divisão denominada pela Scipione de *Apoio Didático de Português*, encontramos três coleções: *A Palavra no Palco*, *Coleção Festa do Livro* e *Coleção Currupaco*, que, juntas, somam 17 livros. O conteúdo destas coleções é reconhecido facilmente como pertencente ao tradicional currículo escolar destinado às séries iniciais do Ensino Fundamental: classes gramaticais, fixação das sílabas simples, dígrafos, encontros consonantais e graus aumentativo e diminutivo.

Paradidáticos que abordam conteúdo gramatical: nosso objeto

Segundo Galvão e Batista (2003), as pesquisas que vêm se preocupando com a produção impressa para o universo escolar tendem a utilizá-la mais como fonte para a compreensão de outros problemas ligados à educação e à instrução do que como objeto de pesquisa. E, no interior do conjunto de estudos que vêm tomando o livro escolar como objeto de investigação, destacam-se os de caráter predominantemente descritivo. Para esses autores, esta constatação “não decorre, porém, simplesmente de uma opção pessoal ou teórico-metodológica do pesquisador”, mas por uma ausência, muitas vezes, de “tradição consolidada de estudos sobre o tema e sobre o objeto que se pretende trabalhar”. Neste caso,

1. *Apoio Didático: da Educação Infantil ao Ensino Médio*. FTD, 2000.

um certo nível de descrição é, portanto, sempre necessário para subsidiar um melhor conhecimento do tema e gerar, conseqüentemente, trabalhos que consigam formular com maior precisão, problemas de pesquisas significativos. (...) É necessária, para um melhor conhecimento do gênero, a realização de estudos monográficos, de modo a possibilitar a verticalização e o aprofundamento de certas questões pouco visíveis através da realização de estudos gerais, horizontais (GALVÃO; BATISTA, p. 168)

e por outro lado, estabelecer perguntas centrais a serem respondidas ao longo da pesquisa.

Nesta perspectiva é que tomamos alguns livros paradidáticos de Língua Portuguesa que tematizam determinado conteúdo curricular ligado à gramática como possíveis de serem estudados como objeto no campo dos estudos que tratam do impresso escolar e que ainda não foram temas de investigação de outra pesquisa acadêmica.

Tentaremos analisar esses livros paradidáticos como uma fórmula editorial possuidora de uma materialidade que visa a determinados propósitos e inventada para competir num mercado voltado para o universo escolar.

Esta análise tem como inspiração os estudos realizados por Roger Chartier (1990; 1998), que empreendendo análise de impressos, põem em relevância os aspectos da materialidade dos textos dados a ler. Segundo esse pesquisador, os editores de Troyes, ao lançarem no século XVII, no mercado europeu, a *Bibliothèque Bleue* (CHARTIER, 1990, p.165-189), criam uma nova fórmula editorial que apresenta textos organizados em séries e aproximados pela identidade do gênero, pelo campo das práticas em que são utilizados, ou ainda, pela temática, podendo ser reconhecidos pelos seus usuários rapidamente pelo seu formato, cor, enfim, pela sua materialidade física. A *Bibliothèque Bleue* também traz textos que ganham uma nova disposição, estrutura tipográfica e textual em cada obra editada a partir de intervenções de diferentes ordens orientadas para ampliar seu público original e já cativado. As reflexões de Cavallo e Chartier (1998) chamam atenção ainda para o fato de que

(...) os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes (1998, p.9).

Baseando-nos neste referencial teórico, estamos considerando os livros paradidáticos de Língua Portuguesa que, organizados em coleções aproximadas

pela temática (conteúdo curricular) e pelas práticas de leitura que suscitam (uso escolar), podem ser considerados uma nova fórmula editorial. Eles, embora diferentemente da *Bibliothèque Bleue* (CHARTIER, 1990), que é constituída por obras já anteriormente editadas, possivelmente conhecidas pelo seu público, e apresentadas como fórmula editorial com nova roupagem, trazem livros escritos especialmente para esta fórmula, mas também marcados por certas estratégias no pólo da produção, orientadas pela imagem do público que pretendem alcançar.

Nossa reflexão, aqui apoiada na dissertação de mestrado intitulada *Livros Paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar* (MELO, 2004) é um esforço de responder algumas questões colocadas para os livros paradidáticos, como objeto de investigação: como se configura esta fórmula editorial denominada livros paradidáticos de Língua Portuguesa, quando esta enfoca um determinado conteúdo gramatical? Quais são as estratégias editoriais (textuais e tipográficas) possíveis de serem nela identificadas, no que se refere à materialidade, à linguagem, e à temática? Quais são os objetivos e princípios declarados ou não explicitamente pela editora, e como eles se concretizam na maneira de abordar os conteúdos e os exercícios propostos nesta fórmula?

Para este texto, selecionamos a *Coleção Currupaco*, da Scipione. Direcionaremos nosso olhar para as estratégias que transformam esses livros em uma fórmula editorial bastante recente e rendosa no mercado editorial.

1. *Coleção Currupaco* e os objetivos declarados

A *Coleção Currupaco* é composta por quatro livros escritos por Ana Paula Escobar Freddi e Noemi Paulichenco Loureiro.

Folheando os livros, fácil e rapidamente podemos perceber que eles são divididos em duas partes, a da *história* e a que denominamos de *sistematização gramatical*; além destas, os livros vêm acompanhados de um *suplemento de atividades* (avulso). Em todas essas partes, texto e ilustração, lado a lado, se complementam na construção redundante, na maioria das vezes, de um mesmo sentido.

No *texto de apresentação*, localizado na capa de trás de cada livro, podemos ler o objetivo, segundo os editores desta coleção:

Desde o seu nascimento, a criança faz muitas conquistas e descobertas: anda, fala, desenha. Mas a leitura e a escrita, sem dúvida alguma, promovem um desenvolvimento muito mais intenso e completo. Certamente seu coração dispara de alegria quando percebe que está lendo e escrevendo. Com o passar do tempo, ele começa a bater mais forte, agora de medo da gramática, com seus termos e nomes diferentes; começa a vê-la como algo muito difícil de aprender. Mas, na

verdade, ela é uma ferramenta de que a criança pode fazer uso para entender melhor a sua língua e se comunicar cada vez mais clara e corretamente. Por isso propomos, na coleção *Currupaco*, um trabalho descontraído e envolvente, mediante passatempos, jogos e brincadeiras que visam despertar o interesse da criança e fazer com que ela se aventure em novas descobertas gramaticais, proporcionadas pela vasta riqueza de nossa língua.

Pelo texto acima, a editora expõe, provavelmente para um dos leitores previstos para esta Coleção, o professor, alguns aspectos interessantes a respeito da sua compreensão de criança, a relação dela com a aprendizagem da leitura e da escrita e, especialmente, do uso da língua, bem como sua concepção do ensino da gramática, sua funcionalidade e finalidade. Destaca que há dois momentos na relação da criança com a aprendizagem da língua materna. Um primeiro, de *descobertas e conquistas*, de *desenvolvimento intenso e completo*, com o *coração disparado de alegria*, quando a criança se vê lendo e escrevendo. Outro, quando a criança se depara com o ensino e aprendizagem da gramática, momento em que *seu coração dispara de medo*, bate mais forte diante das dificuldades e complexidades de seus temas. A solução apontada pelos editores é a aquisição da *Coleção Currupaco*, que se propõe a oferecer a esses pequenos leitores um trabalho descontraído, interessante e envolvente de descoberta e aventura, através de atividades lúdicas bem diferentes das utilizadas na escola no ensino da gramática, de modo chato, difícil e traumatizante. Como é que esta Coleção concretiza esta concepção de ensino/aprendizagem da língua materna em seus livros?

2. As Capas

Pelas capas dos livros da *Coleção Currupaco* é possível, de imediato, defini-los como pertencentes a uma mesma coleção. Todas as obras possuem o mesmo tamanho e forma, o projeto gráfico aponta para uma mesma estrutura de diagramação, na qual, título, ilustração, nome das autoras, o ícone – um papagaio – os nomes da coleção e da editora se localizam no mesmo lugar e ocupam um mesmo tamanho na capa de cada livro.

Todas elas, mesmo tendo ilustradores diferentes, trazem ilustrações coloridas e “chamativas” de crianças e animais, de modo que uma remete à outra. Podemos supor que a utilização de animais e crianças como personagens de livros destinados às crianças possa ser uma estratégia para fazer com que o leitor alvo se interesse e se identifique com a obra no primeiro contato, já pela capa.

As capas podem ser confundidas com quaisquer outras que pertençam ao gênero literatura infantil, pois harmoniosamente atraentes e estrategicamente pensadas em seu jogo de cores, imagens e letras em tamanhos diferentes, não antecipam o

conteúdo gramatical da história, mas fazem um convite ao seu leitor infantil. Que convite é este? Como ele se materializa?

O convite é para a leitura de uma história/ficção que traz ilustrações e um título geral (não ligado a uma disciplina escolar), através dos quais podemos adiantar quais serão os personagens nela envolvidos, qual o tema. É o caso da capa criada para o livro que traz o título *Tudo por amor*. Em sua ilustração vemos dois jovens que se olham apaixonadamente, enquanto um deles, o personagem masculino, carrega um enorme coração, também símbolo de amor e paixão. Compondo o cenário amoroso, a natureza, com flores, árvores, borboletas, abelhinhas, passarinhos, tudo muito romântico, idílico e bucólico, inclusive o olhar doce e meigo do leitãozinho e da ovelha. Título e ilustração, de forma redundante, parecem orientar o leitor para a construção de um determinado significado: trata-se de uma história de amor.

No entanto, este como os demais livros desta Coleção, em suas capas, não antecipam ao leitor que se trata também de um livro que tematiza assuntos da gramática tradicional, previstos, conforme tradição escolar, para serem trabalhados nas séries iniciais do Ensino Fundamental: *Tudo por amor* aborda substantivos; *Pensando no futuro*, adjetivos; *Deu pano pra manga* trabalha pronomes; e o livro *Tempo para brincar* é um pretexto para o estudo de verbos.

Também a capa interna dos livros da Coleção, que separa a *história* da *sistematização gramatical*, não especifica de imediato o seu conteúdo. O título dado a esta divisão, escrito com letras em caixa alta, UMA PALAVRA A MAIS, não oferece um entendimento ao leitor de que se trata de algo ligado ao ensino/aprendizagem da gramática, embora ainda crie um modo colorido e ilustrado de apresentação e anuncie que tem *mais* conversa, *mais* escrita, *mais* leitura. Podemos pensar que esta Coleção quer construir uma certa ambigüidade sobre seus propósitos, quase como uma estratégia de levar o leitor a “estudar” sem perceber.

O papagaio, ícone da Coleção, que já aparecera também nas capas de fora dos livros e em várias páginas dele, é nesta capa da PALAVRA A MAIS, destacado, ocupando grande parte da folha. Mas por que a escolha de um papagaio como ícone da Coleção? O que ele significa enquanto símbolo de uma coleção paradidática que aborda questões gramaticais? Que relações podemos estabelecer entre a presença desta figura em destaque na página que divide a história e o conteúdo gramatical?

Segundo o dicionário MICHAELIS (1998, p.1543):

PAPAGAIO: 1. (...) Em geral, qualquer ave psitaciforme, famosa pela facilidade com que imita a voz humana. 2. Fig. Pessoa que repete de memória o que ouve ou lê sem, no entanto, compreender (...) 16. (...) falar como papagaio: tagarelar, repetir as coisas como faz o papagaio.

De acordo com o dicionário consultado, papagaio é aquele capaz de imitar, repetir com facilidade o que ouve. Por sua vez, a palavra *currupaco*, é uma espécie de onomatopéia que corresponde à voz emitida pelo papagaio. Assim, o nome da coleção causa um efeito fonético imitativo da voz do papagaio.

Será que podemos pensar, a partir destas informações, que esta Coleção, ao tomar como seu ícone o *currupaco* e também adotá-lo como seu, indireta e não explicitamente, está assumindo uma concepção de ensino/aprendizagem da língua que se dá pela repetição/memorização, contradizendo, assim, os objetivos declarados inicialmente pela editora na capa de trás de seus livros?

Já a capa que indica o *Suplemento de Atividade*, que acompanha cada livro, embora traga um jogo com o título e ilustrações da obra, é pintada em preto e branco. Curiosamente, ela traz ainda um cadastro a ser preenchido com o nome, série, número e nome da escola, indicando, talvez, a relação direta entre estes livros e o universo escolar, com suas avaliações sobre o entendimento da leitura e aproveitamento do conteúdo nela contido.

As capas, tanto as que envolvem o livro quanto as localizadas no seu interior, anunciam assim já uma certa materialidade desta fórmula editorial, constituída de traços adotados por outras obras impressas para as crianças, como as da literatura e as presentes nos manuais didáticos.

3. A história em texto e imagens

Nesta coleção, as ilustrações em cada página ocupam mais espaço do que o texto verbal, tendo como função, na maioria das vezes, complementar em imagens o que está escrito em palavras, numa relação de convergência como estratégia de orientação e facilitação da leitura, para uma compreensão sem ambigüidade. As ilustrações vão destacando ações, construindo uma certa caracterização dos personagens, frisando uma passagem particular da história, ou fixando sentidos de forma redundante e fragmentando o texto verbal para aquele leitor que não aprecia textos longos com muita escrita.

Da mesma maneira que a linguagem verbal utilizada nas histórias, a visual parece não ter como propósito romper, inovar, desafiar o seu público leitor. Ao contrário, neste aspecto, esta fórmula parece apoiar-se naquilo que já foi aprovado e aceito no mercado editorial: uso de ilustrações que, na maioria das vezes, tornam-se reproduções quase literais do que está escrito, num espelhamento em outra linguagem.

Todas as obras da *Coleção Currupaco* são narrativas em prosa que apresentam apenas um ou dois personagens que desenvolvem ações, numa seqüência linear de tempo, numa estrutura de enredo simples e tradicional, em que o personagem principal é apresentado no início da história em uma situação de equilíbrio, mas que logo nas primeiras páginas é rompida, desencadeando a história. Marcelinho

não poderá viajar com os pais por causa da chuva (*Tempo de brincar*); Prudêncio resolve visitar a sua amada que mora no campo (*Tudo por amor*); o telefone toca na confecção de roupas Fruto da Moda (*Deu pano pra manga*); e Joana confessa que tem um sonho secreto para revelar no futuro (*Pensando no futuro*).

O final de cada história é, no mínimo, harmonioso, para não dizer feliz: em *Tudo por amor*, o protagonista consegue encontrar sua amada depois de superar muitos obstáculos; em *Tempo de brincar*, o garoto descobre uma maneira de se divertir num dia de chuva; em *Pensando no futuro*, o personagem decide deixar para resolver o que vai ser quando crescer. Apenas no livro *Deu pano pra manga* é que a situação de confusão na utilização das palavras-homônimas continua, fato compreensível, por tratar-se de uma narrativa de humor.

A linguagem utilizada também é simples, com acentuado reducionismo sintático e semântico, próximo à modalidade oral. Utiliza-se de um vocabulário compatível com a imagem do leitor previsto, alunos do 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental.

São histórias construídas geralmente em um único parágrafo, formado por três a dez frases curtas, e em estilo simples, em letras impressas tamanho 14, bem legíveis, sugerindo um leitor não familiarizado com textos longos, nem com vocabulário distante do seu cotidiano. Será esta a forma editorial pensada e divulgada pelos editores para oferecer aos leitores de maneira mais amena, menos chata e suave, o assunto gramatical focado?

Diferentemente de algumas obras de literatura infantil, não se vê nesta Coleção uma preocupação com a produção de imagens poéticas responsáveis por criar um ambiente de rica imaginação, nem em desafiar e enriquecer o repertório lingüístico do leitor, nem de oferecer-lhe oportunidade de se familiarizar com expressões culturais mais complexas ou de lhe exigir uma competência maior de leitura, aspectos importantes na constituição de um texto com ênfase na produção da linguagem literária.

Visualmente e através de algumas estratégias orientadas para uma certa facilitação e reconhecimento na leitura dessas obras (enredo comum, personagens infantis, linguagem simples, ilustrações redundantes e apenas atraentes), elas se aproximam de algumas outras que são oferecidas como literatura infantil, numa concepção mais ampla. Por outro lado, estes livros chegam a se distanciar desta literatura infantil menos preocupada com a singularidade da linguagem literária, porque num efeito ainda mais reducionista transforma a ficção em pretexto para o ensino gramatical específico, com a forte estratégia de minimizar e suavizar a aridez do assunto abordado.

Este é o caso da linguagem utilizada em *Tudo por amor*, carregada de substantivos, ligando-a não à história/ficção, mas ao conteúdo gramatical. Desta forma, embora os editores declarem estar preocupados com o uso de um vocabulário simples, direto, e de fácil entendimento para o leitor, o texto apresenta palavras

provavelmente não utilizadas no dia-a-dia das crianças, como os substantivos coletivos – *malhada, vara, matilha, panapaná* – ou vem sobrecarregado de cinco substantivos em um pequeno trecho: “E em meio aos beijinhos e abraços, Prudêncio percebeu que nem quadrilha, nem matilha, nem cardume, nem manada conseguiriam destruir o que sentia por sua amada” (p.15), com um resultado forçado, incoerente, quase desastroso do ponto de vista da relação entre linguagem e conteúdo, quer ficcional, quer gramatical.

Assim é que os paradidáticos de Língua Portuguesa, como se pode constatar nesta Coleção, nesta configuração composta de uma história de ficção como pretexto para ensinar parte do currículo escolar, acabam criando uma fórmula editorial muito próxima à já inventada e em uso para outras áreas, como História, Geografia, Ciências e Matemática, desde a década de 80.

4. Sistematização do conteúdo gramatical

A primeira página que inicia UMA PALAVRA A MAIS traz um texto que é um diálogo, geralmente entre os personagens da história já conhecidos do leitor. Em forma de história em quadrinhos, as falas dos personagens estão encaixadas em balões, e o desenrolar dos acontecimentos em tiras. O diálogo recheado de palavras que indicam a classe gramatical em questão traz ainda, no último balão, uma fala: “Veja se descobre o que vem pela frente!” Neste caso, o autor deste texto remete a um outro, o da apresentação da Coleção, escrito na capa do livro, que expõe como qualidade desta Coleção o fato de ela “fazer com que ela [a criança] se aventure em novas descobertas gramaticais (...)”. Estaremos diante, então, nas páginas seguintes, da idéia adotada pela editora do que ela entende por descoberta da gramática pela criança?

UMA PALAVRA A MAIS, que se subdivide em PALAVRA ENIGMÁTICA, PALAVRA À MÃO, PALAVREANDO e PALAVRA FINAL, reúne um conjunto de propostas organizadas para que a criança possa aprender o conteúdo gramatical.

Na PALAVRA ENIGMÁTICA, por exemplo, o leitor é desafiado a descobrir qual é a palavra-chave, substituindo os desenhos de vários objetos pela primeira letra do nome desses objetos. Na substituição, que lembra a atividade realizada na escrita das cartas enigmáticas, descobre-se qual é a classe gramatical em foco. Nesta mesma página, por duas vezes, o leitor é convidado a repetir a mesma atividade de substituição, dos mesmos desenhos, na mesma disposição, pela mesma palavra que lhe dará o nome da classe gramatical em foco: *substantivo, adjetivo, pronome ou verbo*, dependendo do livro que tem em mãos. Aliás, esta substituição para se descobrir a palavra escondida deverá ser feita, outras vezes, também nas páginas referentes à Palavra à mão e Palavreando.

Ainda NA PALAVRA ENIGMÁTICA, o leitor, depois de ter descoberto a *palavra enigmática* é desafiado a procurar por ela, seguindo uma dica: *Que tal*

voltar ao texto e procurá-las? Mas os enunciados dados nesta página não dizem ao leitor nada além de que há palavras chamadas de substantivos coletivos (*Tudo por amor*). Como então procurá-las? Procurar o quê? A escrita do nome da classe gramatical *substantivo* na história? Procurar palavras que na gramática são classificadas morfológicamente como *substantivos coletivos*?

O leitor encontra ainda nesta página uma dica: *a de que a pista está no Palavreando*. Parece ser esta a estratégia adotada pela Coleção para oferecer uma aprendizagem da gramática com atividades lúdicas, prazerosas e de descobertas. O leitor deve folhear páginas para frente e encontrar uma lista pronta com vários substantivos coletivos e voltar às páginas do texto da história para identificá-los. Em *Pensando no futuro*, a dica está em voltar à história e observar os 113 adjetivos impressos em negrito.

Na insistência, em todos os livros, na repetição destas mesmas atividades de (re) escrever a mesma palavra substituindo desenhos por letras, de procurar exemplos dela (às vezes em negrito, às vezes em uma lista) em outras páginas dos livros, vemos que a PALAVRA ENIGMÁTICA traz uma concepção do ensino de Língua Portuguesa ajustada a um modelo que exige apenas habilidades de identificação e memorização desenvolvidas pela repetição, pela apresentação do conteúdo através de exemplos prontos e acabados. E o prazeroso neste ensino parece se resumir na busca pelas páginas, na leitura de enunciados curtos destacados como dicas, na alternância de palavras e desenhos, no contato com uma página colorida e com pouca coisa escrita, na ausência de esforço de reflexão do aluno.

Na subparte denominada PALAVRA À MÃO, a classe gramatical é definida de maneira muito próxima às definições encontradas nas Gramáticas normativas e na maioria dos livros didáticos de Língua Portuguesa. Com estilo assertivo e prescritivo, a definição clássica da classe gramatical é dada em um texto que se diferencia dos encontrados nos manuais apenas pelo recurso da imagem e do colorido na página.

PALAVREANDO, diferentemente das outras subpartes que vêm em apenas uma página cada uma, apresenta uma seqüência em quatro páginas. O seu conteúdo enfoca a definição da classe gramatical e a sua classificação exemplificada. Em *Deu pano pra manga*, por exemplo, o leitor encontra os *pronomes*: pessoais, de tratamento, pessoais do caso reto e oblíquo, indefinido, possessivo, demonstrativo, interrogativo e relativo.

Há em PALAVREANDO uma transposição de textos encontrados nos manuais de Língua Portuguesa; aqui, no entanto, eles estão condensados em frases curtas que são distribuídas em doses homeopáticas, de modo a não ocupar muito espaço nas páginas.

Talvez buscando estratégias para que o conteúdo não seja entendido como chato e traumatizante, PALAVREANDO, com as demais subpartes, lembra as

páginas de história em quadrinhos ou de livros didáticos mais modernos, pela utilização da linguagem verbal e visual, pelos balões nas falas dos personagens, pelas substituições dos desenhos, pelo nome da classe gramatical. Todos esses recursos promovem uma diagramação da página mais moderna e atraente, na tentativa de oferecer um conteúdo mais fácil. No entanto, o que vemos é uma aparência de facilidade configurada na alternância de imagens com palavras e na disposição harmoniosa do texto na página, que se esvai à medida que se depara com o conteúdo denso, desarticulado e prescritivo que foi deslocado dos manuais de ensino da língua.

A última subparte, a PALAVRA FINAL, é uma despedida dos personagens ao leitor, em forma de diálogo, sustentada pela idéia de que no decorrer da leitura, ambos, leitor e personagens, tornaram-se íntimos. Nesta conversa, além do *tchau*, é feito um convite para que o aluno produza um texto, que varia de gênero discursivo conforme a obra: conversa ao telefone (*Deu pano pra mangá*); uma lista (*Pensando no futuro*) e histórias (*Tempo de brincar* e *Tudo por amor*). Deve-se supor que as produções também devam fazer uso e abuso de palavras que indiquem o conteúdo ensinado/aprendido.

O que podemos dizer a respeito de todas estas subpartes que compõem UMA PALAVRA A MAIS?

Em primeiro lugar, que a Coleção oferece, em cada um dos seus livros, o conteúdo curricular tradicionalmente reconhecido como pertencente à Língua Portuguesa: leitura, produção de textos e gramática, tal qual qualquer livro didático desta disciplina. Traz uma proposta de ensino da gramática no texto, entendida como *facilitadora* da aprendizagem, ou seja, após o aluno ter aprendido a classe gramatical através de conceitos e exemplos, poderá aplicar seu conhecimento em produções de texto ou reconhecê-lo nas histórias lidas.

Em segundo lugar, que esta Coleção, ao tematizar o ensino gramatical, está atrelada de certo modo a uma concepção preocupada com a nomenclatura e não com o uso da língua. Uma visão calcada e orientada por uma forma conservadora, voltada para a transmissão dos conteúdos, privilegiando a memorização e a fixação de definições e a identificação e reconhecimento da classe gramatical. Apesar de duas décadas de reflexão sobre a necessidade de se trabalhar a língua no uso da linguagem; reflexão esta que circula no âmbito das políticas públicas (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 1998), em cursos de formação inicial e contínua de professores, programas de análise e avaliação de livros didáticos (PNDL) e na produção acadêmica publicada em teses, livros, artigos, esta Coleção aponta que ainda há no mercado editorial demanda para livros com estas antigas concepções de ensino.

Por último, revela também que a intenção de apresentar uma metodologia lúdica e prazerosa é concretizada na Coleção com a criação de um produto/

mercadoria que articula textos, ilustrações, espaços em branco, conversas com o leitor, fragmentação de textos verbais, recursos textuais e tipográficos conhecidos pelo leitor em outros impressos em circulação.

5. Suplementos de atividades

Os *Suplementos de Atividades*, avulsos, acompanham todos os livros desta coleção, prática comum nos livros destinados à escola.

Parece ser este produto o que concretiza de modo mais condensado e enfático a intenção dos editores em oferecer um ensino da gramática de forma lúdica e prazerosa. Trazendo uma atividade a ser realizada em cada página, em forma de palavras-cruzadas, caça ao tesouro ou labirinto, caça-palavras, palavras enigmáticas, espaços para desenhar ou pintar, para completar/ligar palavras ou frases a desenhos, o Suplemento aproxima-se das revistinhas de lazer possíveis de serem encontradas em qualquer banca e amplamente apreciadas pelos pequenos leitores.

As atividades propõem pouco exercício de escrita e de leitura diante de enunciados curtos, escritos apenas com uma frase, com letra bem legível, utilizando, na maioria das vezes, verbos no imperativo: *desenhe, observe, descubra, encontre, pinte, faça, encaixe, procure, complete*.

A preocupação com a simplificação e facilitação do conteúdo para não cansar o leitor tem como resultado a apresentação de enunciados curtos que, em vários momentos, prejudicam o próprio entendimento da atividade.

É o que podemos ver, por exemplo, em *Tempo de brincar*, com a atividade Labirinto, que traz a seguinte proposta: “Ajude Marcelinho a chegar à praia ligando os verbos que estão na 1ª conjugação (terminada em *ar*)”. No entanto, o labirinto desenhado que acompanha esta proposta não traz os verbos escritos, apenas os desenhos de uma *escola*, uma *praia*, uma *casa*. As ilustrações estarão aí substituindo os verbos? Quais? Como fazer o caminho até a praia, então? Provavelmente, percorrendo os desenhos, que, aliás, estão no final de cada caminho, sem nenhum obstáculo ou desvio.

Os Suplementos de Atividades reforçam, deste modo, a idéia que parece permear os livros da *Coleção Currupaco*: aprender Gramática como uma agradável brincadeira, um passatempo, sem traumas, significa fazer atividades já conhecidas e apreciadas pelas crianças em outros tipos de impressos. São brincadeiras que trazem um conteúdo específico: o da gramática, mas que provocam no leitor a impressão de que não está estudando de modo sério e compenetrado, mas de forma gratuita, do jeito que faz em seus momentos de descanso e descontração.

A opção por incluir atividades retiradas das revistinhas de lazer, por si só não parecem garantir o ensino pretendido de forma prazerosa e lúdica pelos autores e editores. Ao contrário, esta transposição de atividades, muitas vezes, com enunciados

só possíveis de serem entendidos por outros indícios dados pela prática do leitor com este suporte de texto (revistinhas de lazer) ou com o gênero (palavras-cruzadas), desconsidera as condições de produção do momento da leitura do leitor/aluno/criança, revestindo o cumprimento das atividades de outros sentidos e de outras composições.

6. Paradidáticos: a nova fórmula do velho

Através de alguns aspectos destacados nesta análise da *Coleção Currupaco*, finalizamos destacando que esta Coleção se constitui em uma fórmula editorial, que se utiliza de traços de algumas obras já existentes no mercado impresso para crianças, como o livro didático, gramática da língua portuguesa, revistinhas de lazer, histórias em quadrinhos, livro de literatura infantil, e os transforma, numa nova arrumação, para o leitor infantil atual.

Na opção pela transposição do já existente (histórias/ficção, conteúdos sistematizados, ilustrações coloridas acompanhando o texto verbal e atividades lúdicas), através de diferentes estratégias editoriais, aglutina em torno de uma mesma e única obra, aspectos desses outros materiais, criando um novo tipo (de impresso) que não é mais nenhum daqueles já individualmente identificados.

Uma arrumação que se constitui numa invenção editorial, não pelo conteúdo que apresenta, nem pela proposta teórico-metodológica que sustenta o seu ensino de Língua Portuguesa, nem por uma imagem de leitor mais ousado, apreciador de coisas novas e desconhecidas. Esta Coleção, ao se apropriar de estratégias textuais e tipográficas de outros impressos, transportando deles um determinado conteúdo e uma determinada forma de apresentação, sem trazer as condições de produção de origem, provocam as seguintes questões: ensinar o quê, a quem, como e por quê?

O que percebemos nesta análise dos livros é que eles são oferecidos ao leitor em condições de produção bem diferentes dos outros impressos, porque têm como objetivo o ensino e a avaliação da aprendizagem; o uso como lição e/ou avaliação obrigatória e não como opção para preencher um tempo livre e ocioso; uma forma de complementar o que já é ensinado nas aulas e no livro didático, através da leitura de pequenas atividades de escrita, de brincadeiras com labirinto e caça-palavras; ou ainda, ser um apoio ao professor na exploração gramatical de Língua Portuguesa, que pode ser realizado na escola ou em casa, nos momentos de estudo.

Referências bibliográficas

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Tomo I. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

DALCIN, Andréia. *Um olhar sobre o paradidático de Matemática*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, SP.

FREDDI, Ana Paula Escobar; LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Deu pano pra manga*. 1.ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997. (Coleção Currupaco).

FREDDI, Ana Paula Escobar; LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Pensando no Futuro*. 1.ed./3. reimpressão. São Paulo: Editora Scipione, 2001. (Coleção Currupaco).

FREDDI, Ana Paula Escobar; LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Tempo de brincar*. 1.ed./3. impressão. São Paulo: Editora Scipione, 2001. (Coleção Currupaco).

FREDDI, Ana Paula Escobar; LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Tudo por amor*. 1.ed./2. impressão. São Paulo: Editora Scipione, 1999. (Coleção Currupaco).

GALVÃO, Ana M.O.; BATISTA, Antonio A.G. Campos de investigação: a História da Educação no Brasil. In: FONSECA, T.N.L.; VEIGA, C.G. (org.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. *Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, SP.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. Tese (Doutorado) – PUC/SP, São Paulo, SP.

Recebido em 22 de outubro de 2004 e aprovado em 28 de abril de 2006.